

A MARQUEZINHA

Opereta em 1 acto de CORIOIANO DURAND

≡ MUSICA DE — A. SOBREIRA LIMA ≡

PERSONAGENS

MARIO, o conde, 12 annos;
 JULIO, o barão, 11 annos;
 ALICE, a marquezinha, 10 annos;
 CLÉA, a camareira, 10 annos;
 ANNA, mãe de Alice;
 A BONECA;
 Côro de creanças, côro de pobres.

Ação em Manhães

Descerra-se o velario sobre um salão á Luiz XV. Ao fundo larga porta abrindo para um terraço, traço de união entre a casa e o jardim, que se divide — cheio de alças brancas de saibro, de candeiros de relva, estylo inglez — através da fileira torneada dos balaustres que sustentam o parapeito. A' direita e á esquerda, segundo plano, portas communicando com o interior. No primeiro plano, de um lado e outro do vasto salão, dunquerque. No da esquerda, grande espelho acostado á parede, um "lorgnon" de ouro e um relógio artistico de bronze. A' esquerda baixa, canapé, collocado um pouco de viéz, ladeado de duas poltronas. Na de cima, que é a da direita, dorme uma boneca, das que dizem "mama", repimpada, hirta, como uma mumia pharaonica. Na de baixo, o compendio de historia de Alice. A' direita baixa, quasi a meia scena, mesa-jardineira coberta de revistas, livros, etc., em agradavel desordem. Um timpano. Um lenço rendado. Tres cadeiras rodeiam a mesa: uma á direita, outra á esquerda e a terceira de frente para a platéa. Nas que ladeiam a mesa, cadernos, lapis, livros... No chão, uma caneta. No mais, retratos, photographias, cadeiras, jarrões, "biscuits", etc.

SCENA I

ALICE, CLÉA e o CÔRO DE CREAÇAS

Ao abrir-se o panno, ALICE, sentada á mesa pelo lado de cima, estuda, ou tenta estudar. No jardim, vendo-se-lhe as cabeças por entre a balaustrada do terraço, a creança brinca em ciranda. Logo que o panno começa a descerrar-se, como continuação da symphonia de abertura canta o CÔRO de CREAÇAS, de que faz parte CLÉA.

CÔRO DE CRIANÇAS

Eia, pois! Viva a folgança!
 Dadas as mãos, vamos todos girar
 No voltear da alegre dança,
 Que a nossa senha é folgar, é folgar!
 Tralalá, la, tralalalá!
 Vira p'ra aqui, depois vira p'ra lá!
 Tralalá, la, tralalalá!
 Vira p'ra alli, depois vira p'ra cá!
 Voltar p'ra aqui!
 Voltar p'ra lá!
 P'ra aqui!
 P'ra lá!
 P'ra alli!
 P'ra cá!

Eia, pois! Viva a folgança!
 Dadas as mãos, vamos todos girar
 No voltear da alegre dança,
 Que a nossa senha é folgar, é folgar!

CLÉA, *cantando, no jardim*:

O pé direito deve vir para frente...

CÔRO

E o esquerdo p'ra traz...

CLÉA, *como acima*:

A bocca sorrindo, o olhar refulgente...

CÔRO

Olhem como se faz!

Alice lança um olhar interrogador á sala silenciosa, escuta attentamente, buscando distinguir rumor que lhe denuncie a aproximação de Anna, sua mãe. Certificando-se de que nada ha a recear, dirige-se para o terraço. Enquanto isso, o Côro não deixa de cantar.

CLÉA, *como acima*:

Depois de um passo
 P'ra frente e p'ra traz,
 Toma-se o braço
 De qualquer rapaz.

ALICE, *no terraço, cantando, para o Côro*:

Procedam com graça lésta,
 Com faceirice!

CLÉA, *no jardim, cantando*:

Não tem graça sem Alice
A nossa festa.

CÔRO, *num appello*:

Alice! Porque não vens?
A' tua espera estamos.

ALICE, *como acima*:

Não possó agora,
Pois do estudo estou na hora.

(*Faz signal de adeus*)

CÔRO

Alice! Alice! Alice! o teu logar tens
Entre nós que aqui brincamos.

(*Alice torna pezarosa para a mesa de estudo*)

Eia, pois! Viva a folgança!
Dadas as mãos, vamos todos girar
No voltear da alegre dança,
Que a nossa senha é folgar, é folgar!

As creanças continuam ainda a dançar e, pouco a pouco, dispersam-se e saem.

SCENA II

ALICE, *só, levanta-se arrebatada, depois de arremessar o livro, logo que o canto cessa, e desce pelo centro até quasi o proscenio.*

— Isto não é vida! Desde que o papae me tirou das Dorotheás e me pôz neste collegio, não me deixam mais um minuto de socego. Brincar... isso, então!... (*Imitando a voz de Anna*) Alice, estuda!... Já fizeste os themas?... Já sabes a lição?... (*Voz natural, com arrebatamento, dirigindo-se á mesa, aonde se senta, na cadeira á esquerda*) Assim tambem é demais! (*Amuada, pega um livro e, depois de lhe voltar a esmo algumas paginas, atira-o fóra e desce*) Ah! meu Deus, quando acabará esta vida de escola!... (*Vae á poltrona de cima, toma a boneca nos braços e diz-lhe maternalmente*) Não é, meu anjinho? (*Vem descendo até o proscenio*) A sua mamãe já não pôde dar a papinha á filhinha mi-mosa. (*Ao publico*) E agora, então, coitadinha! que lhe estão nascendo cincoenta dentes de uma vez só... Tão doentinha! (*Aperta a mola que faz a boneca dizer "mamã"*)

A BONECA

— Mamã!

ALICE, *com muita ternura, como verdadeira mãe:*

—Que é, minha filha? (*Ganhando scena para a direita*) Está com sonsomneira, está? Qué duludumi? Duluma, então, duluma. (*Vindo para a esquerda, a acalantar a boneca*) Brrrrrr! (*Canta*)

Foge, foge, foge,
Murucututú,
Que a filha do doge
Qué duludulú!
Trêda, a voz do vento
Uiva: “Huuuuuuuuuu...”
Cessa o teu lamento,
Murucututú!
Os bons sonhos d’ouro
Não lh’os leves tu!
Olha, o meu thesouro
’Stá duludulú.
Tururururururú....
Tururururururú....

Quando diz os dous versos que começam em “Olha, o meu thesouro”... Alice acha-se á direita; e, cantando o “Turururururú”, sobe em direcção á poltrona de cima, onde cuidadosamente deita a boneca. Falando:

—Coitadinha! (*Ao publico, com o indicador pousado nos labios, a pedir silencio*) Scio!... (*Balançando a cabeça com complacencia*) E’ tão creança ainda! (*Dando um suspiro de allivio*) Nem sei como tive tempo de a ninar!

ANNA, *dentro, á esquerda:*

—Alice, já estudaste a lição de historia?

ALICE.

—Eu não disse? Já estava tardando. (*Dirigindo-se para a mesa, resignada*) Não ha remedio, senão aprender a maioridade do sr. Pedro II. (*Procura o compendio*) Detesto a tal historia! Mas onde está o compendio? (*A procural-o, passa para a direita da mesa, onde fica quieta, grave, esquadrinhando a memoria, um dedo na bocca, até que, fitando os olhos na poltrona de baixo, o avista*) Ah! lá está. (*Vae buscal-o e torna á mesa; senta-se á esquerda, abre o livro e põe-se a estudar. Cedo, porém, abandona-o*) Vou, antes, estudar a lição de grammatica. Não gosto tambem da grammatica; mas sempre é melhor do que a historia. Tão sem graça!... (*Levanta-se, procura um instante a grammatica*) Antigamente, quando eu estava no collegio das Dorothéas, ainda era peor. Ai que aborrecimento com aquelle catechismo!... Agora, com a directo-

ra, sempre tenho mais tempo de me divertir, principalmente com a filha della, a Sinházinha, que me conta uma porção de historias bonitas. Dessas gosto eu! (*Passa para o lado de cima da mesa, sempre a procurar a grammatica*) Hontem, por exemplo, lemos ás escondidas um livro que ella tirou do quarto da directora... E esta grammatica que não apparece! (*Batendo com o pé no chão*) Tomara que esteja perdida! (*Desce pelo centro*) Era a historia de uma linda marquezia, que possuia muitos vestidos, creados, carros... que dava recepções, festas, bailes... (*Ouvindo os passos de Anna*) Ahi vem a mamãe! (*Corre para a mesa e senta-se á direita; toma o compendio ás pressas e põe-se a ler em voz alta, para illudir Anna que entra pela esquerda*) “Francisco Solano Lopez, o dictador da republica do Paraguay...”

SCENA III

ANNA e ALICE

ANNA, que percebeu o estratagemia, desce pelo centro e fica a 1:

—Que estás fazendo, Alice?

ALICE.

—Estou estudando, mamãe. (*Lendo*) “Francisco Solano Lopez, o dictador...”

ANNA, interrompendo:

—Ouvi-te dizer recepções, bailes... (*Passa a 2 pelo lado de cima da mesa e examina o livro por cima do hombro de Alice*) E’ essa a tua lição de hoje?

ALICE, a 1, velhaca, piscando um olho para a platéa:

—E’, sim, senhora. A lição de hoje trata de Francisco Solano Lopez. E eu procurava o trecho que diz que, depois da guerra do Paraguay, elle dava recepções, festas e bailes na côrte.

ANNA, reprehensiva, descendo na marca:

—Alice, Alice! Se continúas assim, muito receio pelo teu futuro. Quando estavas no collegio das Dorotheás, eras mais applicada e... não mentias.

ALICE, para o publico:

—Pois sim, que eu não mentia!

ANNA, olhando para o relogio:

—São quasi horas de ir para o collegio. Onde estão os livros? (*Passa a 1 pelo lado de baixo da mesa e, vendo os cadernos em cima da*

cadeira da esquerda) Olha onde estão os cadernos! (*Mostra-os*) E a caneta? No chão! (*Alice levanta-se e, passando pelo lado de cima da mesa, para se distanciar mais de Anna, põe-se vagarosamente a reunir os objectos espalhados*) Desleixada! (*Sobe na marca, pelo centro*)

ALICE, *resmungando*:

—Eu já arrumo tudo e vou para a aula. (*Continúa a reunir os objectos escolares e faz caretas para Anna, quando ella está de costas*)

ANNA, *volta-se, Alice disfarça*:

—Já o devias ter feito, preta velha resmungona!

ALICE, *como acima*:

—Eu não sou preta velha.

ANNA.

—Estou cansada de te ver assim tão pouco cuidadosa no cumprimento dos teus deveres. Se não tornas ao que eras, tomarei medidas severas a teu respeito. (*Sobe um pouco para sahir pela esquerda, volta-se e diz, antes de sahir*) Apressa-te e vae para o collegio. (*Sae por onde entrou*)

SCENA IV

ALICE E DEPOIS ANNA

ALICE, *só acompanha com o olhar matreiro a Anna que sae. Logo que a vê desaparecer, desce ao proscenio.*

—Ora, já se viu?!... Ah! não ter eu já os meus vinte annos! Quando os tiver e fôr casada, não terei tantos aborrecimentos. (*Suspirando*) Ai! vinte annos! vinte annos!... (*Canta*)

De aureos amores tempo risonho,
 Florida primavera,
 Em ti surgir presto quem déra!
 Como uma flor de sonho!...
 Deixar os brincos da tenra idade
 Por ti, oh! mocidade!
 Viver cantando, ser ave e flor...
 Que louco aneio
 Do meu pobre seio!
 Liberdade! Amor!

Ter dentro d'alma este sonho perfeito,
 Sentil-o vivo e, logo após, desfeito...

Ver que de novo resuscita e cresce,
 Definha e morre e logo reaparece...
 Sentir nos hombros azas que pannejam,
 O vôo ethereo em vão tentando erguer,
 E ao pés calcetas que no chão rastejam...
 E' melhor, é melhor morrer!

Ah!

De aureos amores tempo risonho, etc.

... ..

E' o louco ancio

Do meu pobre seio...

Amor!

—E a mamãe, então, adquiriu agora o insupportavel defeito de, todas as manhãs que Nosso Senhor dá, não me deixar dormir o somninho a meu gosto. (*Passando á direita*) Ah! se eu tivesse a felicidade de ser uma linda marquezia, como aquella de que fala o livro da Sinházinha!... com bons lacaios, lindos carros!... Ouvir chamar-me (*com uma mesura*) sr.^a Marqueira!... eu dormia até não poder mais. E depois, eu tenho mesmo vocação. P'ra estudar é que não tenho nenhuma. (*Apanha definitivamente os objectos*) Ai! ai! meu Deus! Não ha remedio senão ir para os 18 annos do sr. D. Pedro Banana, que apezar de imperador, não me fará marqueira. (*Emquanto diz isto, dá a volta á mesa pelo lado de baixo, passa pelo centro e sae pelo fundo. Logo a seguir, entra Anna pela esquerda*).

ANNA, entrando:

—Ainda estás ahí, Alice? (*Vendo deserta a sala, vae ao fundo e olha para o jardim, onde se vê Alice desapparecer. Desce, põe tudo em ordem na sala e sae pela esquerda*)

(CONTINÚA NO PROXIMO NUMERO)

NOTA:—O assumpto desta opereta foi aproveitado de uma comedia infantil italiana—quasi um longo monologo enfadonho—com dous personagens, dos quaes um só entra em scena no fim da peça, para dizer duas replicas de bondade e perdão, com as quaes a encerra. Augmentei-lhe o enredo e a contextura, puz-lhe côros, mudei-lhe o character moral, adaptei-a, emfim, ao gosto e á indole dos meus patriciozinhos.—C. D.

